

SOUZA, Laura de Mello e.(org.) **História da Vida Privada no Brasil : Cotidiano e vida privada na América Portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

*Tereza Cristina Cerqueira da Graça**

No século XVII na Vila de São Paulo, como em quase todo território da América do Sul, os catres, as redes, as esteiras e os jiraus eram os "leitos" onde dormiam pobres e ricos. Em 1620, Gonçalo Pires teve sua bela cama tomada à força pelos homens da Câmara a fim de dar um repouso decente ao Ouvidor-Mor. Dez anos depois, as atas daquela casa ainda registravam o conflito gerado entre os moradores e o proprietário da confortável mobília. Episódios como esse são retratados e analisados por Leila Mezan Algranti - "Famílias e Vida Doméstica" que compõe o livro **Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa** da Coleção História da Vida Privada no Brasil. A coleção é dirigida por Fernando Novais e este primeiro volume foi organizado por Laura de Mello e Souza. Publicado este ano pela Companhia das Letras, traz oito textos dos mais renomados pesquisadores brasileiros e um curto mas primoroso prefácio.

O prefaciador, Fernando Novais, destaca o êxito editorial de **Histoire de la vie privée** dirigida por Philippe Ariés e Georges Duby que gerou, em diversos países, empreendimentos correlatos. Explicita as convergências do texto brasileiro com a matriz francesa quanto aos procedimentos adotados para a construção coletiva da obra e esclarece a pretensão em reconstituir aspectos do cotidiano da vida privada no processo histórico da formação brasileira.

Seus autores rejeitam a suposta incompatibilidade entre a Nova e a Velha História, esforçando-se para recompor as esferas da existência articuladas com o quadro geral de "nossa velha história". É uma tentativa de buscar particularidades do "fazer histórico" brasileiro. Desse modo, o desafio que se apresenta aos nossos historiadores é articular as manifestações da intimidade na Colônia Portuguesa com as estruturas mais gerais da colonização, descobrindo as peculiaridades desse processo.

Sergipe tem lugar no livro. O texto de Luiz Mott "Cotidiano e Vivência Religiosa: Entre a Capela e o Calundu" revela que, em nossas terras, o vigário Antonio Alves Varejão saiu aos gritos da Capela do

(*) Especialista em Ciências Sociais pelo NPPCS e mestranda em Educação da UFS

Bom Jesus do Cotinguiba scandalizado com a confissão de uma negra crioula. Esse é apenas um entre inúmeros exemplos e situações arroladas no escrito do antropólogo e historiador baiano que defende a tese de que a multiplicidade dos estoques culturais, presente desde os primórdios da conquista, explica a diversidade e o recrudescimento do devocionário privado no Brasil. Crenças e rituais condenados pelos donos do poder favoreceram a privatização da religiosidade ao tempo em que mesmo as crenças e rituais aprovados pela Igreja tiveram dificuldades de cristalização por conta das grandes distâncias, dos perigos dos transportes, da insignificância da vida urbana e do número reduzido de ministros e templos.

Segundo Ronaldo Vainfas, o traço mais característico da sexualidade colonial reside na inespecificidade e visibilidade dos espaços eróticos. Se entre nós faltavam bordéis, toda a Colônia podia ser um *prostibulum*, especialmente as cafuas dos pobres que, por vezes, alcovitavam suas próprias mulheres e filhas. "Moralidades Brasília" revela que a própria Igreja convertia-se em abrigo para amantes e que um esgarço ou uma tosse poderia conter mensagens de sedução mais significativas que a nudez.

Mary Del Priori, Luiz Carlos Villalta, István Jancsó e Laura de Mello e Souza assinam outros instigantes textos. Sempre remetendo à discussão sobre as relações entre o público e o privado, seus autores demonstram que as bases da vida privada no Brasil de hoje assentam-se, em muito, naqueles séculos de dominação colonial.

O livro tem um belíssimo projeto gráfico reproduzindo mapas, fotos, plantas, tabelas, objetos sacros, utensílios e mobiliário domésticos, pinturas, etc. Possui uma linguagem fluída e acessível, ainda que recorra a termos e nomenclaturas próprias da época. Os textos se interligam e se completam de tal modo que é preciso aguçar o olhar para perceber as peculiaridades do "estilo literário" de cada um dos autores.

História Geral do Brasil-Colônia, História Cultural da Colônia, História da Civilização Brasileira; por qualquer dessas acepções o tema do processo civilizador é o foco central do trabalho. Inspirado na Escola Francesa mas não circunscrito a ela, retoma categorias e conceitos cunhados pelo sociólogo alemão Norbert Elias imprescindíveis à compreensão da nossa marcha civilizatória. O leitor — seja ele um diletante ou um pesquisador de qualquer área — encontrará inúmeros aspectos da sua vivência nas páginas desse livro. E não será sem um sorriso nos lábios!